

PROJETO DE
**Diversidade
& Inclusão**

COLARES
ADVOGADOS

CARTILHA **LGBTQIAPN+**

“A escuridão não pode expulsar a escuridão,
apenas a **luz** pode fazer isso. O ódio não pode
expulsar o ódio, só o **amor** pode fazer isso.”

Martin Luther King Jr. (1963)



história

DO MOVIMENTO

1969

Revolta de Stonewall

O **marco zero do movimento LGBTQIAPN+ contemporâneo** é comemorado mundialmente em **28 de junho, Dia Internacional do Orgulho LGBTQIAPN+**. Tudo começou na virada de 28 para 29 de junho de 1969, em Nova York, numa época em que se relacionar com alguém do mesmo sexo era ilegal. Foi quando a repressão policial contra homossexuais e travestis se deparou com um “basta” no bar Stonewall Inn. Pedras foram atiradas contra a polícia e prisões ocorreram, num motim que entrou para a história como início de uma revolução. Uma data para celebrar vitórias históricas, mas também para lembrar que ainda há um longo caminho a ser percorrido.

1970

As primeiras paradas

No aniversário da “revolta de Stonewall”, as primeiras paradas do orgulho gay ganharam os Estados Unidos, espalhando-se nos anos seguintes pela Europa (Londres/1972 e Berlim/1979). Aos poucos, elas chegaram à América Latina, à Ásia e à África nos anos 90, ocorrendo mesmo em países onde ser gay ainda é ilegal. E, assim, junho se tornou o mês oficial do orgulho e celebração da diversidade **LGBTQIAPN+**.



1977

O primeiro gay na política

A eleição de Harvey Milk, o primeiro homem abertamente gay a ser eleito a um cargo público na Califórnia, em 1977, e seu assassinato, um ano depois, foram marcos na luta por representatividade na vida pública. Foi de Milk o pedido para que o artista Gilbert Baker desenhasse um símbolo para o movimento, a bandeira do arco-íris, que ganhou as ruas em 1978, representando até hoje a causa da diversidade em todo o mundo.

Sua eleição foi ainda mais simbólica porque, em 1953, o presidente Eisenhower declarou que gays e lésbicas eram uma “ameaça” e logo “inadequados” para o serviço público. Milhares perderam empregos e foram perseguidos, o que ficou conhecido como The Lavender Scare. Milk, na contramão, foi a prova de que ia ter gay na política sim.



história

DO MOVIMENTO

1978

Lampião da Esquina

Lançamento do primeiro jornal a abordar as questões da comunidade gay no Brasil — em plena ditadura militar. O “Lampião da Esquina” foi fundado no Rio de Janeiro e representa a primeira publicação a debater questões políticas e lutar por direitos e visibilidade. O acervo foi digitalizado — o que nos permite entendermos um pouco melhor sobre como era ser gay no Brasil daqueles tempos.

1980

O “Stonewall brasileiro”

Em 1980, acontece o Primeiro Encontro Brasileiro de Homossexuais e o primeiro protesto da causa — contra a “Operação Limpeza”, promovida pelo delegado José Richetti, no centro de São Paulo, marcada pelo espancamento sistemático de homossexuais, travestis e prostitutas. O protesto aconteceu nas escadarias do Theatro Municipal, em 13 de junho de 1980, e representa a primeira marcha contra a repressão e o preconceito lgbtfóbico no Brasil (muito antes de o termo existir). 1980 também foi o ano de fundação do Grupo Gay da Bahia, o primeiro grupo de luta contra a homofobia no país.

1983

O L da sigla pede voz

Um grupo de lésbicas é expulso por divulgar um jornal ativista no Ferro’s Bar, em São Paulo. Esse episódio escancarou uma situação de invisibilidade que ocorria no “movimento” — mesmo entre a comunidade, as lésbicas não tinham igualdade com os gays. Um desentendimento deu origem ao Grupo de Ação Lésbica Feminista (GALF), que, em 1981, lançou o Chanacom-Chana, primeira publicação ativista lésbica do país.

Com a expulsão das ativistas pelos donos, o GALF entrou em ação, organizou um protesto, chamou a imprensa e fez os donos voltarem atrás. Hoje, a data marca o Dia do Orgulho Lésbico no país.

história

DO MOVIMENTO

1985

O vírus

Desde que a dita “peste gay” passou a frequentar o noticiário no começo dos anos 1980, ela serviu de justificativa crescente para o preconceito e a ignorância. Em 1985, foi fundado o Grupo de Apoio à Prevenção à Aids (GAPA), primeira ONG da América Latina na luta contra o HIV — e é também quando é criado o programa federal de controle da AIDS.

É em 1985, também, que surge o grupo Triângulo Rosa, do Rio, que se junta a outros, como o Grupo Gay da Bahia, de Luiz Mott, no apoio às vítimas e às campanhas de esclarecimento — mas também numa luta mais simbólica: pressionar o Conselho Federal de Medicina a retirar o “homossexualismo” (como era chamado na época) da lista de doenças. Em plena epidemia, os gays brasileiros conseguem uma conquista inédita, anos antes de europeus e americanos.

1990

Ser gay não é doença

Há 30 anos, ser gay não é oficialmente uma doença. Foi só em 1990 que a Organização Mundial da Saúde retirou o homossexualismo da lista de distúrbios psiquiátricos de sua Classificação Estatística Internacional de Doenças (CID). A transexualidade só deixou de ser doença para a OMS em junho de 2018. Ainda hoje, segundo a Associação Internacional de Gays, Lésbicas, Bissexuais, Trans e Intersexuais (ILGA), ser LGBTQIAP+ é crime em cerca de 70 países — em alguns, a punição é a pena de morte.

1992

A vez do T

Fundação da Associação de Travestis e Liberados (Astral), no Rio — primeira organização não governamental na América Latina voltada às pessoas trans. No mesmo ano, Katya Tapety foi a primeira travesti a conquistar um cargo eletivo no Brasil — vereadora no sertão do Piauí.

história

DO MOVIMENTO

1997

Uma parada à brasileira

Entre 1970, ano das primeiras marchas do orgulho nos EUA, e a primeira parada no Brasil, passaram-se quase três décadas. No meio houve uma ditadura e uma epidemia de AIDS. Hoje, a Parada do Orgulho LGBTQIAP+ atrai mais de três milhões de pessoas — é uma das maiores paradas do mundo.

1999

O fim da cura gay

Em 1999, o Conselho Federal de Psicologia proibiu o “tratamento” da homossexualidade como patologia. Mas, em 2017, um grupo de psicólogos (denunciados por praticar a tal cura gay) conseguiu sentença favorável na Justiça do Distrito Federal para a realização de “terapias de reversão sexual” — o magistrado alegou “plena liberdade científica”. O caso chegou ao STF, que proibiu de vez a prática.

2002

CFM aprova redesignação sexual

Processo de redesignação sexual —popularmente chamado de “mudança de sexo”— do fenótipo masculino para o feminino é autorizado pelo Conselho Federal de Medicina.

história

DO MOVIMENTO

2004

Travesti no Congresso

Em 29 de janeiro de 2004, houve o lançamento da campanha “Travesti e Respeito”, do Ministério da Saúde, voltada para a cidadania da população travesti e transexual. Considerada a primeira iniciativa nacional contra a transfobia no país, 29 de janeiro passou a ser o Dia da Visibilidade Trans no Brasil.

2008

Não existe um só caminho para ser trans

O processo transexualizador passa a ser oficialmente oferecido pelo SUS. Com a portaria de 2013, o serviço foi ampliado: homens trans podem agora ser atendidos de forma cirúrgica; e as travestis que buscam acompanhamento hormonal não precisam mais se submeter à cirurgia.

2011

Viver legalmente com quem quiser

STF aprova a união estável homoafetiva. E, em 2013, o Conselho Nacional de Justiça aprovou resolução que obriga cartórios a realizar o casamento entre pessoas do mesmo sexo. Hoje, não há no país uma lei sobre o tema. O casamento é legal, mas o que garante os casamentos e uniões estáveis entre pessoas do mesmo sexo é a jurisprudência.

história

DO MOVIMENTO

2018

Nome Social

O STF, ao julgar o Recurso Extraordinário nº 670.422 (Tema 761 da repercussão geral) e a Ação Direta de Inconstitucionalidade nº 4.275, adotou o entendimento de que a alteração do prenome e do sexo no registro civil é um direito fundamental do transgênero, exigindo-se, para o seu exercício, nada além da manifestação de vontade.

2019

Chega de homofobia

STF enquadrou a homofobia e a transfobia na lei de crimes de racismo. A decisão não muda o preconceito e a burocracia em delegacias (raramente preparadas para a lei) e não garante a punição dos perpetradores, mas permite uma maior conscientização de direitos (sobretudo quando se trata de LGBTQIAP+ que fazem parte de outras minorias políticas).

2020

Doar o próprio sangue

Após anos de embates, o STF declarou inconstitucionais as normas do Ministério da Saúde que proibiam homossexuais masculinos de doar sangue. Pela regra vigente até então, gays só poderiam fazê-lo após 12 meses sem transar com outro homem. A decisão ainda não tem sido automaticamente cumprida.

história

DO MOVIMENTO

2021

Direito carcerário

O STF decidiu que mulheres trans e travestis poderão ser presas em unidades femininas, após ação movida pela ABGLT (Associação Brasileira de Gays, Lésbicas e Transgêneros). Além disso, foi inaugurado no Espírito Santo o primeiro presídio LGBTI+ do Brasil, importante medida de proteção social a grupos já vulnerabilizados pela discriminação e violência social.

2022

Sigilo Médico

A lei brasileira que garante sigilo das pessoas com HIV/Aids e outras doenças foi promulgada/aprovada (Lei nº 14.289/2022). A lei tem importante impacto na vida de pessoas LGBTs soropositivas e com outras comorbidades.

Como devo agir quando perceber algum tipo de comportamento que possa afetar uma pessoa da comunidade?

Muitas vezes uma pessoa LGBTQIAP+ pode estar cansada ou vulnerável para reagir a situações de violência física ou psicológica. Não fique calado quando perceber que alguém foi, mesmo que sem querer, homofóbico, transfóbico etc. Como já dizia Desmond Tutu, Nobel da Paz em 1984 por sua luta contra o Apartheid: “Se você é neutro em situações de injustiça, você escolhe o lado do opressor”.

direitos LGBTQIAPN+

AO REDOR DO MUNDO

As práticas homossexuais eram comuns no Mundo Antigo e persistiram até a ascensão do Cristianismo, quando passaram a ser condenadas. A primeira vez que uma prática homossexual foi legalmente permitida foi em 1791, quando a França descriminalizou a pederastia, termo utilizado para as relações entre pessoas do mesmo sexo no país. Pouco tempo depois, em 1813, o Estado da Baviera, na Alemanha, descriminalizou a prática entre homens, voltando atrás em 1871.

No presente, a conquista dos direitos **LGBTQIAPN+** no mundo é um processo desigual e complexo. No século XX, 13 países descriminalizaram a homossexualidade, entre eles Portugal, Israel e Canadá. Nos anos 2000, Países Baixos, Bélgica e Estados Unidos autorizaram a união matrimonial entre pessoas do mesmo sexo. No fim de 2018, um feito histórico. A Índia criminalizou a homofobia, em uma decisão unânime. Em junho de 2019, Botswana se tornou um dos primeiros países africanos a tomar essa decisão.

Mesmo com avanços, cerca de 70 países ainda consideram a homossexualidade um crime, segundo dados do relatório de 2018 da Associação Internacional de Gays e Lésbicas (ILGA). No Brasil, apesar de termos a maior Parada de Orgulho **LGBTQIAPN+** e termos progredidos em leis e direitos, como a criminalização da LGBTfobia em 2019, ainda há muito para se fazer. O país é o lugar onde mais se matam **LGBTQIAPN+** do mundo, segundo dados da Transgender Europe. A Organização das Nações Unidas (ONU), em sua campanha Livres & Iguais, que visa proteger a comunidade **LGBTQIAPN+**, deixa claro que, apesar do progresso, ainda há muito o que se fazer.

No aniversário de 50 anos da Revolta de Stonewall, a polícia de Nova York veio a público se desculpar pelos atos cometidos aos homossexuais no passado. Em 2019, a Associação Americana de Psicanálise também se desculpou por tratar a homossexualidade como doença.



direitos LGBTQIAPN+

NO BRASIL

VISIBILIDADE

O movimento **LGBTQIAPN+** no Brasil começou a ganhar também Visibilidade massiva nas ruas na década de 1990. Em 1995, a Associação Internacional de Lésbicas, Gays, Bissexuais, Trans e Intersex realizou a sua 17ª conferência no Rio de Janeiro, que terminou com uma pequena marcha na praia de Copacabana. Em 1996, um ato na praça Roosevelt, em São Paulo, reuniu cerca de 500 pessoas reivindicando direitos **LGBTQIAPN+**.

A partir daquele ato, coletivos **LGBTQIAPN+** começaram a planejar a primeira parada **LGBTQIAPN+** do país, que aconteceu em 1997 na Avenida Paulista, em São Paulo. Ela teve entre 500 e 2.000 pessoas. Hoje a parada é um dos maiores eventos da capital paulista, reunindo um público maior do que o de cidades inteiras. Na verdade, a Parada do Orgulho **LGBTQIAPN+** de São Paulo é, atualmente, a maior do mundo. Que orgulho!!

UNIÃO E CASAMENTO CIVIL

Apesar de haver projetos de lei garantindo esses direitos desde a década de 1990 em tramitação no Congresso, tanto a união civil estável quanto o casamento entre homossexuais foram concessões do Judiciário.

A união civil estável entre pessoas do mesmo sexo foi reconhecida em 2011 pelo Supremo Tribunal Federal. Em 2013, o Conselho Nacional de Justiça permitiu o casamento civil entre homossexuais, assim como a conversão de uniões estáveis homoafetivas em casamentos civis.

REDESIGNAÇÃO SEXUAL

Em 2002, o processo de redesignação sexual —popularmente chamado de “mudança de sexo”— do fenótipo masculino para o feminino foi autorizado pelo Conselho Federal de Medicina. Desde 2008, passou a ser oferecido pelo SUS (Sistema Único de Saúde). Em 2010, o processo de redesignação do fenótipo feminino para o masculino também foi aprovado pelo conselho e passou a ser oferecido pela rede pública. A espera na fila pode durar, no entanto, mais de 20 anos, e apenas uma fração de homens e mulheres (trans) e travestis com interesse é atendida.

NOME SOCIAL

O Nome Social é aquele que pessoas transexuais e travestis, por exemplo, usam para se identificar, mesmo quando não alteraram o seu registro civil. Desde 2009, o Ministério da Saúde permite que esse nome seja usado no SUS. Desde 2013, o Governo Federal permite seu uso no Enem (Exame Nacional do Ensino Médio). Há, também, decisões em níveis federal, estadual e municipal nesse sentido que valem para órgãos públicos, instituições de ensino e empresas estatais.

MUDANÇA NO REGISTRO CIVIL

Em março de 2018, o Supremo Tribunal Federal determinou que transgêneros podem alterar em cartório o nome e o registro de sexo presente no registro civil.

direitos LGBTQIAPN+

NO BRASIL

CRIMINALIZAÇÃO DA LGBTI+FOBIA

Em junho de 2019, o Supremo Tribunal Federal decidiu a favor da criminalização da homofobia e da transfobia, equiparando-as juridicamente ao racismo. Isso significa que práticas homofóbicas e transfóbicas passam a ser enquadradas como crime de racismo até que o Congresso Nacional aprove uma lei específica sobre o preconceito contra esses grupos. O crime de racismo é inafiançável e imprescritível e a pena é de um a três anos de detenção e multa.

FIM DA PROIBIÇÃO PARA DOAR SANGUE

No contexto da epidemia de HIV, surgida na década de 1980, o Brasil proibiu em 1993 os homossexuais de doarem sangue. A restrição, também adotada em outros países, visava a controlar a transmissão do HIV por meio de transfusões. Em 2002, o veto foi flexibilizado pela Anvisa (Agência Nacional de Vigilância Sanitária), passando a autorizar a doação desde que a relação sexual do doador com outro homem tivesse ocorrido há pelo menos 12 meses. À medida em que o comportamento e a transmissão do vírus passaram a ser melhor compreendidos, a proibição passou a ser entendida como discriminatória por associar a orientação sexual a um comportamento de risco.

Foi quando, em maio de 2020, o Supremo Tribunal Federal derrubou as normas sanitárias que proibiam de doar sangue homens que tiveram relações sexuais com outros homens nos 12 meses anteriores.



ORGULHO LGBTQIAPN+

A bandeira, criada por Gilbert Baker (San Francisco, 1978), foi usada pela primeira vez na *Gay and Lesbian Freedom Day March*. Em seguida, foi adotada pelo *Pride Parade Committee*. **Representa a diversidade humana e as cores significam:**

VERMELHO: VIDA

LARANJA: CURA / SAÚDE

VERDE: NATUREZA

AZUL: ARTE

AMARELO: LUZ DO SOL

LILÁS: ESPÍRITO



O SIGNIFICADO DE cada letra

Para o Movimento **LGBTQIAPN+**, o ORGULHO representa o contrário da vergonha, que ao longo da história, controlou e oprimiu os indivíduos e a comunidade **LGBTQIAPN+** como um todo. Ou seja, o ORGULHO é uma afirmação e um reconhecimento coletivo e individual, consigo e com a sociedade, em relação à própria identidade. É não ter mais vergonha de se reconhecer **LGBTQIAPN+**. Por isso ele é tão importante para a comunidade, é um símbolo de toda a história de luta.

Sob o guarda-chuva **LGBTQIAPN+**, sigla que já é utilizada e reconhecida por organizações internacionais como a ONU e a Anistia Internacional, cada letra guarda uma história que merece ser ouvida, celebrada e defendida. **Conheça a representação de cada letra:**

LÉSBICA

Mulher que é atraída afetiva e/ou sexualmente por pessoas do mesmo sexo/gênero (cis ou trans). Não precisam ter tido, necessariamente, experiências sexuais com outras mulheres para se identificarem como lésbicas.

GAY

Termo oriundo do inglês utilizado para designar pessoa do gênero masculino (cis ou trans) que tem desejos, práticas sexuais e/ou relacionamento afetivo-sexual com outras pessoas do gênero masculino. Não precisam ter tido, necessariamente, experiências sexuais com outras pessoas do gênero masculino para se identificarem como gays. Apesar do

termo ser empregado com bastante frequência entre homens e mulheres homossexuais e bissexuais, se discute a invisibilidade de lésbicas e de bissexuais. É preciso reconhecer o termo “gay” a toda uma intensa atividade cultural, uma maneira de ser e sentir, um estilo de vida que gira em torno de tal orientação sexual para além de uma categorização de “homens que fazem sexo com homens” ou “mulheres que fazem sexo com mulheres”, que também pode transcender a questão de gênero, desdobrando-se em vários grupos e identidades.

BISSEXUAL

É a pessoa que se relaciona afetiva e sexualmente com pessoas de ambos os sexos/gêneros. O termo “Bi” é o diminutivo para se referir a pessoas bissexuais.

O SIGNIFICADO DE cada letra

TRANSEXUAL/TRANSGÊNERO/TRAVESTI

É uma questão de identidade de gênero. A pessoa transexual geralmente tem a vivência ou a vontade de ter a vivência da performance social de gênero oposta ao sexo biológico que lhe foi assinalada no nascimento. Desde cedo, o homem trans ou a mulher trans pode se sentir de maneira diferente de pessoas cisgêneras, mas concebe apenas o que é ditado pelo cissexismo e costuma reprimir sua verdadeira identidade em nome da norma hegemônica. Pessoas transexuais são aquelas que não se identificam com o gênero com o qual nasceram: mulheres trans nascem com a genitálias masculina, mas se reconhecem como mulheres e exigem ser tratadas dessa forma, enquanto homens trans, por sua vez, são aquelas pessoas que tiveram o gênero feminino atribuído na infância, mas se identificam como homens.

QUEER

Termo usado para designar pessoas que não seguem o padrão heterocentrado em termos de sexualidade ou do binarismo de gênero dos indivíduos. São o resultado de complexas construções sociais de forma tal que acreditam não existir papéis sexuais essenciais ou biologicamente inscritos na natureza humana e sim formas variadas de desempenhar esses papéis. Dentro de tal lógica, o *queer* não pretende sair da condição de “marginal” e sim desfrutar da mesma.”

INTERSEX

Aqueles que nascem com o sexo não claramente definido como masculino ou feminino — são alvo de violências específicas, como operações quando bebês.

ASSEXUAL

Uma pessoa assexual experimenta pouca ou nenhuma atração sexual, independentemente de gêneros. Mas isso não significa que ela não pratique sexo, beije e abrace em nenhuma circunstância. Ela pode ter atração romântica por outro indivíduo, bem como gostar de toques e ter o desejo de estar em um relacionamento afetivo. A atração romântica é diferente da atração afetiva.

PANSEXUAL

É o indivíduo que aprecia e é atraído por pessoas de todos os tipos de gêneros ou orientações sexuais, não se limitando à lógica binária de gênero homem/mulher. Existe uma ideia equivocada de que os pansexuais sentem atração sexual por qualquer tipo de ser vivo, incluindo plantas e animais. Essa ideia é falsa. A definição de pansexualidade se limita apenas à diversidade de gênero dos seres humanos, nada além disso.

Não-binário

Pessoas não binárias sentem que sua identidade de gênero não pode ser definida dentro das margens do binarismo cis-normativo, como masculino ou feminino.

Elas entendem a construção de gênero ultrapassa a identificação como homem ou mulher, podendo ser fluída ou outra.



Sinal utilizado para incluir pessoas que não se sentem representadas por nenhuma das outras letras, a exemplo dos “não-binários”, que são aquelas que não se identificam com apenas um dos gêneros, podendo se ver migrando de um gênero para o outro.

OUTROS CONCEITOS relacionados

IDENTIDADE DE GÊNERO

Quando um indivíduo percebe que seu sentimento de pertencimento ao mundo é destoante do gênero cuja performance social é esperada daquela pessoa com base no sexo biológico que lhe foi assinalado ao nascer. Pessoas que não identificam seu gênero com o sexo que lhe é atribuído por lei na maioria das vezes sentem desconforto com pronomes, roupas, comportamentos e tudo mais que a sociedade valoriza como sendo próprio ao homem/macho/masculino/masculidade ou à mulher/fêmea/feminino/feminilidade.

GÊNERO FLUÍDO

A pessoa que se identifica tanto com o sexo masculino ou feminino. Sente-se homem em determinados dias e mulher em outros e atração afetiva e/ou sexual por pessoas de gênero igual ao seu ou não.

CISGÊNERO/CISSEXUAL

(OU APENAS CIS, NA FORMA ABREVIADA)

Refere-se às pessoas cujo gênero é o mesmo que o designado em seu nascimento, ou seja, indica uma concordância entre a identidade de gênero e o sexo biológico de uma pessoa, além do comportamento considerado socialmente aceito para tal sexo.

CISSEXISMO

É a desconsideração da existência de pessoas transexuais e transgêneros (ou apenas trans, na forma abreviada) na sociedade. Cissexismo é, em suma, uma instituição social que legitima as identidades cisgêneras, garantindo privilégios às pessoas cis.”

INTERSEXUALIDADE

O termo tem sido usado para substituir o termo “hermafrodita”, bastante estigmatizado. Intersexualidade diz respeito a variações cromossômicas em maior ou menor grau que dificultam a identificação do indivíduo como totalmente feminino ou masculino.

HETERONORMATIVIDADE

Conceito usado para descrever situações em que orientações sexuais diferentes da heterossexual são ignoradas, marginalizadas ou perseguidas por práticas sociais, crenças ou políticas, a partir da noção de que existem duas categorias distintas e complementares (homem/macho e mulher/fêmea) e que relações sexuais e maritais “normais” se dão entre pessoas de sexos opostos, cada qual com determinadas funções “naturais” na vida, sendo a heterossexualidade considerada como a única orientação sexual normal.

OUTROS CONCEITOS relacionados

HETEROSSEXISMO

Conceito que reflete o pensamento segundo o qual todas as pessoas são heterossexuais até que haja evidência em contrário, que não reconhece a possibilidade de outras expressões da sexualidade.

HOMOAFETIVO

Adjetivo utilizado para descrever a complexidade e a multiplicidade de relações afetivas e/ou sexuais entre pessoas do mesmo sexo/gênero. Este termo não é sinônimo de homoerótico e homossexual, pois conota também os aspectos emocionais e afetivos envolvidos na relação amorosa entre pessoas do mesmo sexo/gênero. É um termo muito utilizado no mundo do Direito para abordar o direito relacionado à união estável e ao casamento de casais do mesmo sexo. Portanto, homoafetividade indica a presença de um vínculo amoroso, onde duas pessoas decidem compartilhar suas vidas num tipo de convívio que gera obrigações, deveres e comprometimento iguais aos de toda família e que deve ser reconhecida como tal. Não é usado para descrever pessoas, mas sim as relações entre as pessoas do mesmo sexo/gênero.

HOMOFOBIA/LGBTFOBIA

Indica a intolerância social em relação à homossexualidade. O termo “gayfobia” é mais apropriado para homossexuais masculinos, “lesbofobia” para mulheres que são vítimas de menosprezo em função de sua orientação sexual, “bifobia” ao tratar de bissexuais ou ainda “transfobia” e “travestifobia” em relação a transexuais e travestis que sofrem tal hostilidade. A homofobia revela a complexidade das formas de hierarquização sexual, violência e preconceito social tanto na esfera mais estritamente individual e psicológica quanto numa dimensão política, uma vez que as instituições sociais (Estado, empresas, escolas, igrejas etc.) também são espaços de produção, reprodução e atualização de todo um conjunto de dispositivos (discursos, práticas, valores etc.) através dos quais a heterossexualidade e a cisgeneridade são constituídas e vivenciadas como únicas possibilidades legítimas de manifestação.

DICAS DE **respeito**

Falar ou perguntar algumas coisas pode ser ofensivo

Pessoas LGBTQIAP+ podem responder suas perguntas, mas não precisam estar sempre disponíveis para tirar todas as dúvidas de pessoas que não fazem parte da comunidade, especialmente no rolê. Isso pode ser muito cansativo e emocionalmente desgastante.

Na dúvida, dê uma pesquisada rápida e aja com naturalidade diante das individualidades de cada um. Afinal, é natural para aquela pessoa ser como ela é e não é legal ser constantemente lembrada de que a sociedade não a enxerga assim.

Por que você não me disse antes?

Todo mundo tem seu tempo. O autoconhecimento e a autoaceitação é uma jornada que diz respeito apenas àquela pessoa. Não julgue ou questione o tempo que alguém levou para te contar. Ao invés disso, acolha aquela pessoa que se abriu para você.

Qual é seu nome “de verdade”?

Independentemente de ser o nome social ou de registro, o nome de verdade da pessoa é o que ela usa para se apresentar, podendo se sentir extremamente desconfortável com a exposição do seu nome civil.

Ela é lindo ou Ele é linda!

O uso equivocado dos pronomes é uma forma de discriminação e, apesar do “elogio”, pode ser muito prejudicial à saúde mental e autoestima da pessoa.

DICAS DE **respeito**

Você não deveria ser mais feminina (ou masculino)?

Ser mais ou menos feminina ou masculino não nos torna mais ou menos mulheres e homens. A feminilidade e a masculinidade são construções sociais, históricas e culturais.

Você não sente que está se enganando e/ou enganando as pessoas?

Enganar as pessoas seria mentir sobre a identidade de gênero. Quando falamos isso, não estamos reconhecendo a identidade da pessoa.

Como você transa? Já é operada (ou operado)? Tomou hormônio?

Além de invasivas, essas perguntas buscam dar validação para a transição através de processos de modificação corporal, que pode ou não ser desejada pela pessoa. Pode acontecer, inclusive, da pessoa desejar a transição e não ter condições de fazê-la.

Posso ver as fotos de quando você era mulher/homem?

O termo “era mulher/homem” é ofensivo e é mais uma forma de não reconhecimento da identidade de gênero da pessoa, uma vez que o indivíduo sempre foi a mesma pessoa em sua essência.

DICAS DE **respeito**

Não aceito, pra mim você sempre será mulher/homem.

É ofensivo e cruel dizer isso, implica no não reconhecimento da identidade de gênero da pessoa. E convenhamos: ninguém precisa da sua validação para ser quem se é.

Isso é fase, vai passar.

A pessoa é e se reconhece assim, não foi uma escolha, nem fase. Pode acontecer do processo de reconhecimento ser gradual, como todo processo de autoconhecimento. Respeite o tempo e a individualidade das pessoas.

No documento diz que é Maria, mas a pessoa se apresenta como João. Como devo chamá-la?

O nome que ela usar para se apresentar deve ser o nome pelo qual será chamada, isso é denominado “nome social” (Decreto nº 8.727, de 28 de abril de 2016).

Por que alguns LGBTQIAPN+ preferem não se expor?

Alguns **LGBTQIAPN+** optam por não se expor por uma variedade de motivos. Pesquisas nos mostram que 1 a cada 5 empresas recusam contratar pessoas **LGBTQIAPN+**. Dentro das empresas, 68% dos colaboradores já presenciaram alguma forma de homofobia e 40% dos **LGBTQIAPN+** já sofreram homofobia. Frequentemente, a decisão de não se expor vem do receio em sofrer retaliação, preconceito, discriminação de seus colegas e líderes, ou até mesmo de ser prejudicado em suas avaliações de desempenho e crescimento na carreira.



PARA SE APROXIMAR do movimento



CLIQUE NAS
SUGESTÕES
PARA ACESSAR

Uma mudança de comportamento ou pensamento ocorre de forma gradual, é preciso reflexão para que haja a transformação de valores. Pensando nisso, preparamos algumas dicas de músicas e obras cinematográficas **LGBTQIAPN+** para te ajudar nesse processo de conscientização. Nada melhor do que aproveitar momentos leves para se sensibilizar sobre um tema tão importante.

ASSISTA

Filmes

[**The Death and Life of Marsha P. Johnson**](#) (2017), filme parte da morte suspeita da ativista para contar sua história de luta

[**“Rent”**](#) (1996), de Jonathan Larson, foi um musical que levou o universo queer para a Broadway — depois seria acusado de plágio

[**“Meninos Não Choram”**](#) (1999), talvez o primeiro filme a narrar a história de um homem trans em Hollywood

[**“O Segredo de Brokeback Mountain”**](#) (2005), a história de amor entre dois cowboys americanos que encantou o mundo

[**“São Paulo em Hi-Fi”**](#) (2013), resgata a era de ouro da noite gay paulistana, dos anos 60 a 80, do glamour à ditadura e à AIDS

[**The Hope Speech**](#), de Harvey Milk, pronunciado em 1978 em frente à prefeitura de São Francisco, aqui lido por Sir Ian McKellen na cena queer de Nova York

[**“BPM”**](#) (2017), narra a luta do grupo ativista francês ACT UP para alertar sobre a AIDS no início dos anos 90

[**“Tudo sobre Minha Mãe”**](#) (1999), sucesso de Pedro Almodóvar com personagens gays e travestis

Documentários

[**“The Times of Harvey Milk”**](#) (1984), documentário sobre a vida do político e ativista

[**Stonewall Outloud**](#) (2019), dos produtores de RuPaul’s Drag Race, com depoimentos raros encontrados em arquivo

PARA SE APROXIMAR do movimento

Séries

“Modern Family” (2009), série que traz três famílias bastante diversas, incluindo um casal gay e sua filha adotiva

“RuPaul’s Drag Race” (2009), reality show criado que levou a cena drag para o mainstream — no ar há 12 temporadas

“Eu Não Quero Voltar Sozinho” (2010), filme brasileiro que narra a vida de um garoto cego e seu amor por outro rapaz

“Orange is the New Black” (2013), série que explora o universo carcerário feminino e a sexualidade de mulheres gays, bissexuais e trans

“Transparent” (2014), primeira série a narrar de forma profunda o processo de transição de uma mulher trans

“Força-Queer” (2021), um desenho animado que traz a história de uma equipe de superespões LGBTQIA+ constantemente subestimados por seus colegas que tentam provar a si mesmos enquanto embarcam em aventuras pessoais e profissionais.

“Grace and Frankie” (2015), uma série que traz a história de duas amigas que se aproximaram após seus dois maridos assumirem uma paixão e se separarem delas.

“POSE” (2018), ambientada em 1987, conta a história de uma participante de bailes LGBTQ que acolhe algumas pessoas marginalizadas pela sociedade, sobretudo diante da crise da AIDS.

“Will & Grace” (1998), comédia que retrata a amizade de um homem gay e uma mulher heterossexual

“The Puppy Episode”, de “Ellen” (1994), quando a personagem da atriz Ellen DeGeneres assumiu sua homossexualidade



Clássicos

“Lola” (1970), de The Kinks, música sobre uma mulher diferente, que “andava como uma mulher, mas falava como um homem”

“Walk on the Wild Side” (1972), de Lou Reed, canção sobre uma mulher trans, de um músico icônico da diversidade sexual

“I Will Survive” (1978), de Gloria Gaynor, música que foi trilha de “Priscila: A Rainha do Deserto”, virando hino gay insuperável

“Don’t Stop Me Now” (1978), do Queen, primeira música do grupo a trazer a homossexualidade (e o hedonismo) de Fred Mercury à tona

PARA SE APROXIMAR do movimento

“YMCA” (1978), do Village People. A letra sobre a diversão de garotos nas academias de ginástica cristãs viraria hino gay

“I’m Coming Out” (1980), de Diana Ross, virou marco para os LGBTQI+ por sua letra alusiva ao ato de sair do armário

“Codinome Beija Flor” (1985), de Cazuza, fala de um amor entre dois homens — o nome do “muso” estaria contido na letra

“Being Boring” (1990) do Pet Shop Boys, primeiro grupo gay a fazer sucesso mundial

“Vogue” (1990), de Madonna, trouxe a cultura dos ballrooms, da cena drag negra americana, para o mainstream pop

Contemporâneos

Liniker: A Liniker considera seu gênero fluido, mas prefere ser chamada no feminino. Com sua voz forte e rouca, ela estourou na música no final de 2015 com o EP “Cru”. Seu último disco, intitulado Indigo Borboleta Anil, conta com a participação de Milton Nascimento, da Orquestra Jazz Sinfônica, de Letieres Leite e da Orkestra Rumpilezz.

Johnny Hooker: Gay assumidíssimo, o pernambucano Johnny Hooker é inspirado por Ney Matogrosso, David Bowie, Madonna e Caetano Veloso, o que reflete em suas performances provocativas em seus shows.

Karol Conká: Bissexual e feminista, a cantora, nascida na periferia de Curitiba, foi uma explosão no rap nacional, sendo uma das poucas mulheres com grande visibilidade em seu gênero musical.

“Tombar é ser feliz. Se sentir realizado de uma maneira simples e prática. [A geração tombamento] É uma galera que não quer mais saber de opressão e que está cansada de julgamentos e rótulos”.

Glória Groove: Obstinada a romper padrões, a drag queen também ganhou lugar no rap, gênero musical especialmente dominado por homens e ainda muito machista e homofóbico.

“O que nós drags fazemos é um ato político e artístico, e nunca é demais pontuar isso de forma inteligente. Pretendo transmitir sempre alguma crítica, pois gosto de gerar discussão.”

Pablo Vittar: Uma das principais cantoras pops do país na atualidade, possuindo hits em parceria com artistas como a cantora Lady Gaga e os DJs Diplo e Major Lazer, a cantora nordestina, de São Luís (MA), é a drag queen mais famosa do mundo nas redes sociais.

Jaloo: Nascido no Pará, o DJ e cantor mistura em sua arte elementos da música eletrônica e do pop, explorando sua estética não binária ao trazer para os clipes e palcos um visual andrógino.

“No momento, acho que sim, sou gay. Sou um ser muito fluido, passando pela questão da feminilidade”.

PARA SE APROXIMAR do movimento

Linn da Quebrada: marcada pela fala “nem homem, nem mulher, travesti”, a atriz e cantora busca quebrar padrões e dar visibilidade à comunidade, principalmente àqueles que são ainda mais estigmatizados: travestis e “bichas afeminadas”.

“Gênero não tem nada a ver com orientação sexual. Não é porque sou travesti que preciso voltar o meu desejo unicamente aos homens. Quando começamos a nos admirar e devolver afeto entre o feminino, isso também nos fortalece”.

LEIA 

“Devassos no Paraíso” (2000), de João Silvério Trevisan, o livro mais completo sobre a história da homossexualidade no Brasil.

“Guardei no armário” (2020), de Samuel Gomes, relata trajetórias, vivências e a luta por respeito à diversidade racial, social, sexual e de gênero.

“Eu, travesti” (2019), é uma biografia que narra a jornada de Luísa Marilac, que nasceu em Minas Gerais, e assumiu-se travesti aos 17 anos. Além dos tradicionais traumas associados à transição de gênero, ela foi abusada sexualmente na infância, levou sete facadas aos 16 anos, foi vítima de tráfico sexual na Europa antes dos 20 anos, prostituiu-se e foi presa mais de uma vez. Porém, resiliente, reergueu-se, reinventou-se e viveu grandes histórias, incluindo quando viralizou no YouTube por conta do bordão “E disseram que eu estava na pior”.



Por que falamos tanto de diversidade?

Pesquisas da McKinsey e Harvard Business Review apontam aumento da competitividade, lucratividade, engajamento, redução de turnover, entre outros benefícios para empresas que optaram por promover a Inclusão e Diversidade.

movimento LGBTQIAPN+

NO RECIFE



Instituto Boa Vista

Um centro de atendimento voltado para a comunidade **LGBTQIAPN+** do Recife e que acolhe vítimas de discriminação e violência com base na orientação sexual e identidade de gênero. O Instituto Boa Vista, localizado ao lado da boate Metrópole, atua nas áreas de defesa e promoção dos direitos humanos dos **LGBTQIAPN+**, bem como mantém campanhas de cuidados com a saúde e prevenção das doenças sexualmente transmissíveis.

O Instituto conta com uma equipe composta por advogados, psicólogos, assistentes sociais e agentes de direitos humanos que presta atendimento à população **LGBTQIAPN+**. O público tem acesso a serviços como apoio psicológico e social, que é feito pessoalmente, além de orientação e encaminhamento jurídico para os casos de homofobia e mudança de nome social, este direcionado exclusivamente para as pessoas transexuais.

Endereço: Rua das Ninfas, nº 84, Soledade

Telefone: (81) 3031-8660

Site: <http://www.institutoboavista.org.br/>

Instagram: @institutoboavistape



Movimento LGBTQIAPN+ Leões do Norte

Com mais de 20 anos de atuação, a ONG Leões do Norte tem como objetivos atuar na luta contra o preconceito e a discriminação, contribuir na construção de climas favoráveis ao respeito e efetivação da cidadania da população de pessoas gays, lésbicas, bissexuais, travestis, transexuais, intersexuais e outras expressões afetivo-sexuais, bem como exercer o controle social das políticas públicas **LGBTQIAPN+** no estado de Pernambuco, promovendo momentos de formação e capacitação de militantes, ativistas e lideranças da causa.

Site: www.leoesdonorte.org.br

Telefone: (81) 3222.2207

E-mail: leoesdonorte@leoesdonorte.org.br

Instagram: @leoesdonortelgbt



PROJETO DE
**Diversidade
& Inclusão**

COLARES
ADVOGADOS

